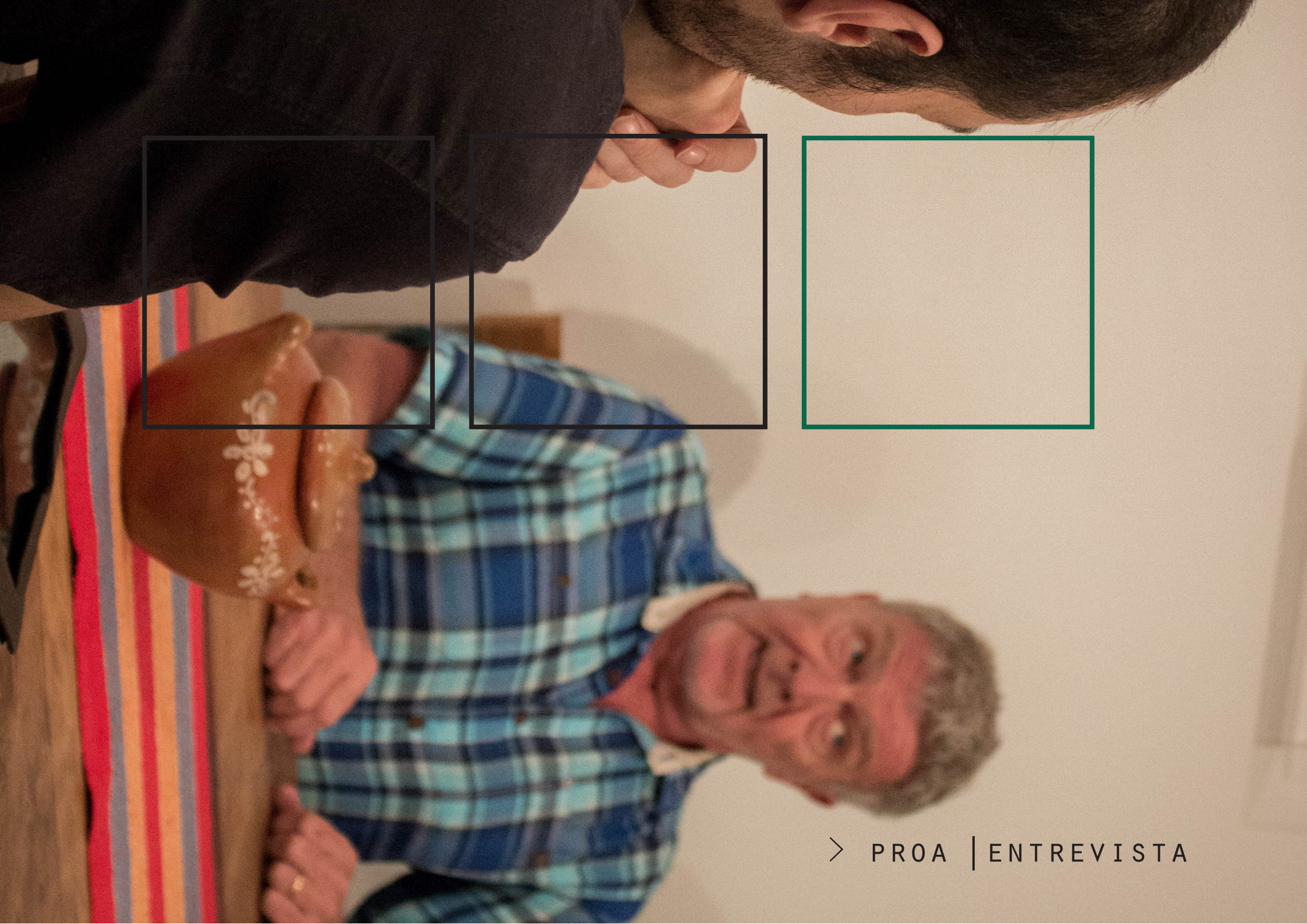

> Antropologia como "experiência de qualquer viajante": entre lugares, autores e anedotas.

Entrevista com Peter Fry

por Christiano Tambascia[1], Vanessa Sander[2], Vitor Queiroz[3] e Marcelo Perilo[4]

A presente entrevista encerra a série Fundadores, dedicada a celebrar a história do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp a partir dos seus primeiros professores – Antônio Augusto Arantes*, Peter Fry e Verena Stolcke** (à época Verena Martinez-Alier), e das circunstâncias que remontam ao seu feliz encontro, há 46 anos. Realizadas em Campinas, de 3 a 6 de novembro de 2013, por alguns estudantes do Programa, as entrevistas estão vinculadas à 3ª edição das Jornadas de Antropologia John Monteiro e figuram como um importante documento da antropologia no Brasil, abordada/pensada sob o ponto de vista de seus protagonistas.

Peter Fry graduou-se na Universidade de Cambridge em 1963, e fez doutorado em Antropologia Social na Universidade de Londres, em 1969. Nos anos 1960, realizou sua primeira pesquisa de campo entre os *Zezuru* da Rodésia do Sul (atual Zimbabue). Após ter concluído a pesquisa de doutorado, Fry veio para o Brasil em 1970, onde colaborou com a fundação da Unicamp. Escreveu sobre diversos temas, que passam por religião, sexualidade e relações raciais. Desde 1993 integra o corpo docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde permanece até hoje. Atualmente, atua como editor do jornal da Associação Brasileira de Antropologia, Vibrant – Virtual

---

1 Professor do Departamento de Antropologia na Universidade Estadual de Campinas.

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas.

3 Doutor em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas.

4 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas.

* N.E. De peito aberto. Trânsitos entre o rural e o urbano, a academia e o "mundo lá fora", o campo e a escrita, o texto e a imagem. Entrevista com Antonio Arantes. PROA: revista de antropologia e arte, N. 7, V. 2, p. 238-261, 2017.

** N.E. "Imagina as coisas que se podia imaginar": jovens antropólogos e uma tese embaixo do braço. Entrevista com Verena Stolcke. PROA: revista de antropologia e arte, N. 7, V. 1, p. 167-179, 2017.

Brazilian Anthropology.

Em 6 de novembro de 2013, dois dias após ter feito a sua fala na abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro, Peter Fry recebeu-nos na sala da casa de um amigo, o professor José Maurício Arruti. Com simpatia e senso de humor, ele nos conduziu a uma conversa informal e descontraída, marcada pelas lembranças da errância escolhida de um jovem antropólogo estrangeiro, que chegou ao Brasil durante a ditadura militar. Fry nos conta sobre sua trajetória partindo dos coleges britânicos, e revela curiosidades sobre seu trabalho de campo na Rodésia no contexto da segregação racial. Fala sobre as relações com intelectuais ingleses importantes, como Edmund Leach e Jack Goody, e também sobre a orientação de Mary Douglas. Assim, reconstrói de maneira difusa os cenários e caminhos pessoais, políticos e profissionais que o trouxeram para o Brasil e, mais precisamente, para a Unicamp. Ele percorre livremente as ecléticas referências que o ajudaram a desenvolver entendimentos sobre o contexto brasileiro, que vão desde Glauber Rocha a Roger Bastide, passando por Euclides da Cunha, Ruth Landes, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes. Além disso, conta sobre sua experiência de ativismo como redator do Lampião da Esquina, após ter vivenciado o contexto inglês de criminalização da homossexualidade. Dessa maneira, Fry percorre diferentes acontecimentos, temas, inquietações e curiosidades que o moveram ao longo de sua carreira, e esboça panoramas políticos e sociais dos lugares por onde passou, além de construir reflexões sobre colonialidades, raça e fazer antropológico.

Pergunta (P): Gostaríamos de agradecer a oportunidade de conversar com a gente. Queremos aproveitar o ensejo das Jornadas de Antropologia, o tema proposto pelo Omar [Ribeiro Thomaz, coordenador da Pós-Graduação na época], os 40 e poucos [43 anos do Programa de Pós-Graduação da Unicamp]. Gostaríamos de conversar mais sobre o período de formação da sua carreira, o contexto da Inglaterra naquele momento. Sempre ouvi muitas histórias e muito folclore sobre como eram conduzidas as reuniões de orientação entre os antropólogos já estabelecidos e seus alunos. Essas histórias, algumas delas, eu ouvi já reproduzidas em relação à Mary Douglas e mesmo em relação ao senhor. Enfim, aquelas reuniões que eram feitas no pub e tudo mais. Queremos saber um pouco mais como que era, como funcionava, como era a sociabilidade entre os professores e seus estudantes.

Peter Fry (PF): Bom, varia muito. Eu fiz minha graduação em Cambridge e a Universidade de Cambridge, assim como Oxford, é uma universidade presencial. Tudo é controlado pela residência e elas são divididas no que se chama *colleges*, não é exatamente colégio, mas enfim... Então você entra na universidade através do tal *college*. O *college* é responsável, bom... Você fica lá, dorme lá, come lá e a frequência de presença na universidade é medida pelo número de jantares que você comeu em um determinado trimestre, não sei se continua assim. Mas as faculdades que são da universidade, não do *college*, são responsáveis pelo ensino, sobretudo, pela aferição de qualidade, ou seja, os exames. É tudo feito na base de exames mesmo. Era,

Fotografia de Natália Schimidt

não sei se continua assim. Então a faculdade é onde você ia para ouvir as aulas. E as aulas eram muito formais, duravam 40, 45 minutos, você tinha que ir de beca. O professor ficava de beca, prontificava e saía. E você ia ou não ia, dependendo, não era obrigatório assistir às aulas. Mas dentro dos *colleges*, isso na graduação, você tinha sessões tutorias com o membro da faculdade que pertencia àquele *college*. Então, onde foi Antônio [Augusto Arantes], o *King's College*, lá o [Edmund] Leach era o *fellow* desse *college*. Então quando o Antônio quis ser orientado pelo Leach, ele teve que ir para *King's College*. Eu fui para *St. John's* por outras razões, porque eu estudava matemática no início da minha... Eu entrei na universidade fazendo matemática e *St. John's* era famoso por isso. Mas por sorte minha, quando mudei para a antropologia, o meu tutor era o Jack Goody, que era um luxo. E esse sistema de ensino, tão diferente, é que você encontrava com ele toda semana... ele dava uma pequena bibliografia e pedia um ensaio. Então, você tinha que sair, procurar bibliografia, escrever um ensaio, entregar para ele, ele lia e comentava, era assim. E lá eu aprendi o que eu sei até hoje, não muito nas aulas, não. Então era uma relação muito estreita e muito próxima. O Jack tinha a casa dele perto do *college* e também tinha a sala dele dentro do *college*. E, às vezes, na casa dele, que era uma casa pequena, bagunçada, ou no *college* dele, ele sempre tinha uma garrafa de vinho barato e era uma coisa muito informal, ao mesmo tempo muito séria. Então você aprendia com muita proximidade do professor. Bom, um sistema absolutamente privilegiado, eu não sei se é possível fazer isso com os recursos hoje em dia. Quando o Antônio [Arantes] falou ontem [na abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro], o que ele esqueceu de dizer é que esse é um processo de massificação do ensino superior aqui no Brasil, promovido pelos

governos, não é isso? E é quase inevitável, me parece, esse processo que ele está descrevendo. Resta saber agora como é que as pessoas que se consideram ciosas do seu privilégio, como que vão mandar os seus pimpolhos [risos]. No Rio [de Janeiro] já começa um processo de exclusividade privada/particular na PUC [Pontifícia Universidade Católica], Fundação Getúlio Vargas, tal. Suponho que isso seja um processo inevitável porque cada vez que você procura igualar, há processos na contramão, no contrapelo disso. Bom, mas isso desviando... Cambridge e Oxford eram e são ainda os lugares de maior privilégio do sistema educacional britânico. Antigamente você nem conseguia entrar nesses lugares sem passar por um colégio particular. E continua até hoje, algo como 70%, quer dizer, uma porcentagem pequena de pessoas de escolas públicas consegue entrar nessas grandes universidades, apesar de tudo que eles fazem no sentido de estimular, etc. e tal. Não tem cotas, mas tem uma espécie de sensibilidade em relação a essas questões por parte dos processos de seleção, mas continua um lugar muito privilegiado, então o que estou descrevendo é de uma minoria. Quando eu fui dar aula em Londres, você tem Oxford e Cambridge, que são as duas mais privilegiadas da Grã-Bretanha, depois Londres, mas, em Londres, não são universidades residenciais, é como aqui, os alunos vivem onde podem, vem e saem, vem e saem. E lá a gente tinha um sistema atenuado, porque as aulas eram mais importantes e, acopladas às aulas, eram os tais tutoriais. Mesmo assim, tentava-se manter esse processo, manter uma coisa mais anônima, que eram as aulas formais, e os pequenos tutoriais nos quais que as pessoas tinham que escrever. Mas mesmo nas duas situações, o importante, desde o início, era que os alunos tinham que ler e escrever e esse era o processo de ensino mesmo, o resto não contava. Eu acho que isso faz falta aqui, sempre achei. E eu acho que teria sido possível... Aliás, seria ainda possível fazer mais nesse sentido de engajar os alunos, desde o início, de escrever mais e sendo acompanhados nesse processo. Agora não sei, com cada vez mais pessoas fica difícil. Bom, isso no nível da graduação. Sobre a pós-graduação, eu só posso falar da minha experiência. Quando eu me formei, o Jack [Goody] achava que eu deveria fazer pós-graduação. Do ponto de vista dele, fazer pós-graduação implicava em viajar e, como ele era africanista, *african*, então ele procurou em um livro bolsas disponíveis e tal. Descobriu que havia umas bolsas oferecidas para a Rodésia do Sul, que era antigamente. Na Rodésia do Sul havia uma universidade que foi fundada nos meados da década de 1950 que se chamava Colégio Universitário da Rodésia e Niassalândia. Era uma universidade para uma federação que os ingleses criaram em três colônias, Nyasaland, que agora é Malawi, North Rodesia, Rodésia do Norte, agora Zâmbia, e Rodésia do Sul, que agora é Zimbábue. Eles juntaram esses três numa tentativa de afastar a democracia e manter a dominação branca sobre aquela zona da África, ao norte da África do Sul. Então, a universidade era parte desse processo de elevar... Isso a Universidade de Londres fez em várias colônias na época: Ibadan, na Nigéria, a mesma coisa; Makelele, em Uganda, a mesma coisa. E faziam parte da Universidade de Londres, então os exames já eram corrigidos em Londres, isso para "manter o nível". Então essa universidade tinha lugar para fazer pesquisa, fiz minha aplicação, eu lembro até hoje

disto, foi uma entrevista. Não sei o que eu mandei, mas mandei alguma coisa e fui chamado à entrevista. Era uma mesa muito maior que essa com uma toalha velha, várias pessoas, todos masculinos, todos homens, com ar assim de autoridade e eu pequenininho lá. E eles me jogando pergunta, me jogando pergunta. Uma das perguntas era sobre a Comunidade Britânica das Nações, que estava nascendo nessa época. Estava nascendo e a ideologia dela era, e continua sendo, uma maneira de produzir a internacionalidade, mas sem a dominação imperial. A ideia era esta mesmo, que a rainha continue sendo a chefe simbólica do Estado. E, para um menino, naquela época, quantos anos que eu tinha? 21? Eu acreditava, eu achava que era uma ideia genial. Quer dizer, a ideia era que se descolonizavam, mas as pessoas continuavam se relacionando, por que não? E era uma espécie de contraponto, achava eu, aos grandes blocos, Estados Unidos, de um lado, e União Soviética, do outro. Eu devo ter falado isso, eles devem ter ficado impressionados e eu ganhei a bolsa. E o Jack [Goody] tinha falado "esse era um bom lugar para ir porque o chefe de departamento chama-se Clyde Mitchell e tem fulano de tal, ou seja, você vai ser bem orientado". E, de fato, quando cheguei lá, era uma universidade moderna, não tinha nada do que reclamar de nada. Era tudo residencial, [havia] quarto para todo mundo. Era o único lugar do país onde pessoas de várias cores viviam juntas, o resto do país era totalmente segregado espacialmente. É difícil para vocês que vivem no Brasil imaginar isso, muito difícil, mas era absolutamente, rigorosamente segregado, com a exceção da universidade. Era o único lugar. Os hospitais eram segredados, as escolas eram segregadas, as residências eram segregadas...

P: Isso era dentro da UDI [Declaração Unilateral de Independência], ou isso era antes?

PF: Ah, sim, antes da UDI. É, antes. E tanto é que, não, era mais uma razão de ir. Porque eu calculava que eu poderia fazer a minha própria etnografia da independência. E a primeira coisa que me acontece depois de chegar é que a Zâmbia se torna independente. Lá fui eu, não é? Lá fui eu com camisa, penas no peito, um estádio de futebol, a bandeira britânica caindo e a de Zâmbia subindo. Emocionante! E nós achávamos que a mesma coisa aconteceria em Zimbábue, claro! Então era mais uma razão de ir. O contrário aconteceu, o contrário... Porque todo mundo subestimava o poder de vontade do governo branco e o poder militar dele, né. Militar, policialesco, etc. e tal, então todo mundo minimizava. Então era isso. A sua pergunta sobre orientação. Lá, o Clyde [Mitchell] me orientou, mas como era uma situação de subordinação à Universidade de Londres, eu tive que ter um orientador em Londres também, então ganhei Mary Douglas. Mas ganhei, nem conhecia a senhora. Isso era antes do "Pureza e Perigo", eu não conhecia. Quando soube, então eu comprei e li, mas eu não conhecia. Então era uma situação *sui generis*, o Clyde me aconselhava lá, me ajudava e tal. Ele queria – foi ele, ideia dele – que eu estudasse a relação entre o campo e a cidade, que era coisa fundamental das colônias

britânicas em geral. Porque você tinha um sistema de migração temporária dentro do Zimbábue, onde os homens saiam para a cidade para trabalhar, deixando as senhoras, as crianças e os velhos no campo. Ele achava que o que faltava era um estudo que olhasse dos dois lados, então a ideia era ficar o primeiro ano no campo e o segundo ano com as pessoas na cidade. E isso gorou por causa da situação política, porque ela ficou cada vez mais tensa com o crescimento das organizações nacionalistas. Eram duas, esse que é o grande problema, que lutavam entre si e os brancos aproveitavam, claro, disso. Então a minha situação era muito complicada, porque, sendo branco, poderia ser visto como sendo emanado do governo, mas se fosse amigo de ZAPU [*Zimbabwe African People´s Union*], poderia ser visto como inimigo de ZANU [*Zimbabwe African National Union*][5]. Então foi muito difícil, eu tive que adotar um perfil muito baixo. E também por índole mesmo, eu não gosto muito de colocar perguntas difíceis pras pessoas. Eu prefiro ouvir as pessoas falarem ao invés de induzir respostas, até hoje. Eu sou assim. Então eu ficava calado, tinha medo de perguntar quanto ganha, onde mora, esse tipo de coisa, porque eu achava que eles poderiam pensar que eu era da agência de informações. Então esse tipo de pesquisa era realmente impossível e o Clyde entendeu isso. Mas eu fiquei um bom tempo aflito porque não tinha projeto... Ah, outra coisa! Naquela época não se tinha projetos, tinha projeto muito vago. O Clyde disse: "queremos entender direito, dos dois pontos de vista, da zona rural e da cidade", era isso. Desenvolvia-se o método meio, assim, pensando. Então a ideia era conhecer as pessoas no campo, ficar ouvindo, dependendo do que você escutasse, ia desenvolvendo as perguntas. Era ótimo. Acho, aliás, perfeito porque, quando você faz um estudo social, não se sabe o que [vai encontar], não é? É impossível saber. E, muitas vezes, os projetos bonitos e bem feitos acabam dominando de tal forma que a tese ou a dissertação acaba sendo uma espécie de recheio do projeto, mas enfim... Mas a orientação de nós todos, de fato éramos de cinco a seis pessoas fazendo pesquisa na época, era através de seminários. E esses seminários que Clyde presidia eram modelados sobre o sistema que Max Gluckman teria desenvolvido em Manchester. Agora tem coisa escrita sobre isso, eu não preciso falar, mas o Max... Eu não o conheci, conheci os alunos dele, que perpetuavam esse sistema. A ideia era que era possível discordar e tal, sem prejuízo à amizade e confiança. E eu acho que funcionava, funcionava porque estávamos todos no mesmo barco. Obviamente era também competitivo porque uns se vangloriavam mais do que outros e tal, é sempre assim, mas era esse sistema, da possibilidade de críticas sem a crítica diminuir moralmente a pessoa, que eu achava que era importante. É uma coisa que eu acho que é possível, é possível se aproximar desse tipo de situação, em determinadas situações culturais onde você tem menos ênfase nas relações e mais ênfase sobre a autonomia do indivíduo. Não sei se eu estou sendo exagerado, mas eu acho que tem a ver. Porque aqui no Brasil é muito difícil você ter um debate franco, muito difícil.

5 ZANU foi uma organização militar que lutou contra o governo da minoria dominante branca na Rodésia, durante o período militar da história do Zimbábue. Formou-se como uma fração do ZAPU.

As pessoas se cagam de medo de falar mal dos outros, mas cochicham nos bastidores, não é isso? Muito difícil. De vez em quando uma resenha maldosa aparece, mas é quase sempre... Lá também, lá também, mas...

P: Isso, em 2007, eu fiquei assustadíssimo quando fui para lá. Eu fiquei participando do seminário junto com o Adam Cooper. E eu vi que ele, no primeiro seminário que eu assisti, uma senhora de Cambridge, se não me engano, estava apresentando um trabalho sobre aquele ator Paul Robinson... E ele veio me perguntar o que eu tinha achado e eu tentando, enfim, naquela lógica brasileira, ser um pouco polido. Falei: "Não, interessante e tal..." [Bate na mesa] "- Tem que falar a verdade!", ele falou, "*It's a pile of garbage*". E eu fiquei assustadíssimo com isso [risos] porque era outro tipo de enfrentamento, mais sincero, que tinha um lugar que aqui no Brasil parece que não. E depois todo mundo ia beber feliz e contente no pub.

PF: É, bom, o sistema é esse. Vale uma análise, talvez, do que significa porque a competitividade continua, a maldade continua, as acusações continuam e nós tínhamos opiniões umas das outras, com certeza, mas... O que produzia uma solidariedade extraordinária, tanto é que um dos que fazia pesquisa na mesma época se tornou uma pessoa muito famosa, chama-se Bruce Kapferer, não sei se você conhece... E o Bruce já tinha ido para a Austrália, ele é australiano, mas era professor do University College e agora ele pontifica na Suécia. Aí nos encontramos e é como se o tempo não tivesse passado, mesmo com todas essas diferenças de atitude, de perspectiva e tal. O que não quer dizer que a antropologia não esteja cheia de divisões e sempre foi, não é? Cambridge, onde eu estudava, cheio! Você tinha, por um lado, Meyer-Fortes, os africanistas, né? E, do outro, Leach. Eles não se bicavam e o Leach era o *enfant terrible* da época, sempre falando coisas provocadoras e [tal]. Genial, absolutamente genial. Jack Goody já era uma pessoa mais calma, mas ele também tinha uma coisa que era muito comum, eu acho, na Inglaterra, que é "*call a spade by a spade*", essa ideia de tentar não encobrir. Exatamente o contrário, inclusive, linguisticamente, eu vejo isso – traduzindo agora para a Vibrant – o português é cheio de nuvens, paroquismos e o inglês é, procura ser, mais direto. Inclusive um estilo de pseudo-direto, talvez, não sei, muito difícil de entender, mas que são idiomas distintos, são mesmo – em vários planos, da escrita, da escuta. O Carlos Vogt me ensinava, quando cheguei aqui, aprendendo a falar, o Carlos dizia: "Peter, pelo amor de Deus, presta atenção ao uso transversal porque quando as pessoas dizem uma coisa você tem que olhar assim" [risos]. É uma arte, né?! Tanto da locução quanto da audição, que também me divirto muito, mas um passo atrás em relação a vocês porque para vocês é tomado cuidado. E vocês também podem brincar com o inglês, se quiser, aprendendo as regras, porque muitas vezes a franqueza é falsa também, é uma impressão de franqueza, uma impressão de honestidade. Tudo isso é muito interessante, Goffman seria muito

melhor para falar isso do que eu. *Anyway*, o esquema de orientação era esse, era muito coletivo, mas em outra situação. Acho que em Cambridge, na época, a orientação era muito mais um sobre um e quando voltei para Londres era assim. E Mary [Douglas] era supostamente minha orientadora e eu, numa situação totalmente estranha, tive que escrever na minha máquina lá no meio do mato essas coisas, todo mês eu tinha que mandar para ela, não sei que fim levaram esses papeis. E foi na base dessas cartas que ela me convidou não apenas para ser orientando, mas para ser assistente dela. Então eu virei assistente dela lá em Londres e lá era uma relação mais um sobre um. Eu me senti muito sozinho de fato, muito sozinho, mas depende muito do estilo de cada um e Mary era uma pessoa com mais variedade teórica, tanto é que um capítulo da minha tese é uma tentativa de agradar ela, que eu tentei fazer, assim, um pouco forçado. É, era uma situação de muita solidão de fato. Eu acho que eu não teria escrito se não tivesse tido como professor, na época, um homem extraordinário, que tem um papel muito importante na antropologia britânica, mas ele é pouco falado, chama-se Daryl Ford. Ele escreveu um livro, que virou uma espécie de livro de introdução chama-se Habitat... *Habitat, society and economy*, "Habitat, sociedade e economia", alguma coisa assim, uma introdução à antropologia com ênfase sobre o meio ambiente e a economia. Mas o Daryl promovia muito a antropologia na África, as relações entre África, Grã-Bretanha e França. Ele dirigia a revista África e era uma pessoa benigna, do meu ponto de vista, ele parecia muito benigno. Ele me chamou no gabinete dele e disse:

"- Peter, então, como que anda?

- Tudo bem, muito obrigado.

- E a tese?

- Não, tô escrevendo...

- Te anime, não é a sua última obra, é a sua primeira. Então, por favor, faça porque nós gostamos de você, mas sem o doutorado você não fica".

Então fiz meio rápido, não tenho nenhum orgulho daquela tese, aliás, estou apavorado que vai ser traduzido aqui. E foi assim, quer dizer que em relação à sua pergunta é um pouco difícil de responder, mas era uma experiência talvez *sui generis*, talvez não. Mas eu suspeito que as pessoas, quando fazem doutorado, fiquem muito sozinhas, suspeito, como aqui um pouco. E uma das maneiras de reduzir essa solidão eram esses seminários, que quando funcionavam era bom e o University College tinha e era bom isso de fato. Criava uma situação muito tensa para quem estava lendo tal *paper*, mas eu acho que... Eu tentei fazer isso no Brasil, não consegui. Tentei fazer no IFCH, na época do IFCS, não consegui. E não consegui botar as pessoas para falar sobre seu trabalho, não consegui até hoje. Agora aposentado me ofereci de novo, "eu faço isso, eu faço um seminário de vocês todos", não aceitaram ou esqueceram. Há uma imensa dificuldade, uma imensa dificuldade, não sei se é a mesma coisa aqui, mas é muito difícil de colocar as pessoas para falar do seu trabalho para os pares, muito difícil, não sei porque.

P: E isso você conseguia fazer com a Mary Douglas? Porque eu imagino que a conversa sobre os dados etnográficos seus e os dela deveriam ser conversas absolutamente interessantes, porque contextos ao mesmo tempo tão diferentes, mas questões... Eu estava relendo aquele artigo "Os Lele revisitados" sobre a feitiçaria pós-mobutu e eu fiquei pensando que algumas dessas questões sobre a religião como uma espécie de canal em que o nacionalismo africano poderia ser aflorado, no caso do Congo e no caso da Rodésia do Sul, são completamente distintos, talvez um tanto por conta dos processos de independência completamente distintos que se deram...

PF: É, e também quando ela fala sobre a feitiçaria no fim da vida dela, ela muda de direção porque ela já começa a dar um juízo de valor, não é? Todo mundo fala da beleza das danças, eu concordo, choro, inclusive, da iniciação, tal. Poucas pessoas falam da acusação, da suspeita, da desconfiança, que é característica também das relações extrafamiliares em geral. Há uma imensa desconfiança em relação aos outros. Eu sempre penso que há uma espécie de pessimismo nas relações. As pessoas, até que se prove o contrário, são nocivas... Mas é interessante isso, é complicado, porque a antropologia não pode dizer essas coisas, "não, é tudo maravilhoso". Mas é muito difícil quando você vê no mundo contemporâneo a existência dessas coisas, é muito difícil, eu tenho muita dificuldade de conseguir achar a feitiçaria uma coisa...

P: Eu estava fazendo seminário, a gente estava exatamente discutindo o texto "Os Lele revisitados" e a gente discutiu exatamente esse tipo de mal-estar que a gente identificou no texto da Mary Douglas porque era uma angústia, me parecia, entre ser antropólogo e ao mesmo tempo ficar de braços cruzados enquanto todas as pessoas que ela conheceu na década de 1940, 1950 estavam sendo mortas.

PF: Pois é, pois é, é muito complicado. Eu acho que as nossas relações com as nossas pesquisas são muito questionáveis de fato. No meu caso, por exemplo, eu era muito menino, muito, 20 poucos anos, 23 anos... Muito menino, muito protegido, muito pouco vivido. Se em uma Inglaterra pós-guerra uma vida muito protegida, o estado dito de bem estar funcionava, ou seja, era tudo muito protegido. Primeira aula, criança, 5, 6 anos: "Peter, se você se perder, procure um policial! Fale o seu endereço" [risos]. Então, aí eu estudei em colégio interno, tudo muito protegido. Fui para a melhor universidade do país, muito protegido. Sem nenhuma experiência da vida fora, de repente lá estava eu no meio de uma situação completamente... né? Uma situação política das piores, a segregação racial era algo tão abominável que não sei como aguentei, mas enfim. Acho que aguentamos todos, como eu estava dizendo a Antônio [Arantes] ontem [na abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro], a gente achava que tinha um papel no sentido de revelar essas coisas, de escrever sobre. Era essa a ideia, pelo menos. Aí o que acontece? Eu

saio de lá, não tem internet, telefone custa uma baba, chego na Grã-Bretanha, a luta continua em Zimbábue, os dois partidos um contra o outro e o governo daquele jeito... A população civil do país sendo bombardeada por todos, cada qual tentando mostrar seu poder e esse poder era de morte e de tortura. Os três, tanto o governo do Smith, quanto ZANU [*Zimbabwe African National Union*], quanto ZAPU [*Zimbabwe African People´s Union*]. Então eu perdi contato completamente, completamente. E mesmo em Londres eu logo descobri que era impossível. Eu vou te contar uma história, uma anedota só pra demonstrar isso. Já depois, morando no Brasil, eu tive a ideia de trazer pessoas fazendo doutorado em Londres para nos ajudar a dar aula aqui, éramos poucos e era uma maneira de mão de obra barata. O primeiro que veio, o Gary Nigel Howe, com quem escrevi esse artigo, veio. Muito inteligente e, de fato, foi ótimo porque a gente conversou muito. E ele tinha uma namorada, chamada Rosie, que era linda, bailarina e psicóloga, muito inteligente. Ela tinha todas as qualidades que se pode imaginar e ficamos muito amigos. Uma vez eu fui a Londres, não me lembro que ano que foi, 1970 e tal, e eu disse: Rosie, vamos tomar uma cerveja no pub onde sempre tomávamos nos meus seminários lá em University College. Ficamos lá, porque lá na Inglaterra você compra cerveja no bar e senta na mesa, não tem garçom e Rosie disse assim: "puxa Peter, mas que diferente do Brasil, não é? No Brasil todo mundo andando para lá e para cá, estabelecendo contato uns com os outros e aqui cada qual na sua". "Sim, porque não mudamos essa coisa?", eu disse, "tá bom, o que vamos fazer?". Ela disse: "vai lá no bar, conversa com essa ou aquela pessoa". E era um cara com cara de indiano. Lá vou eu, brasileiramente, e começo a conversar [risos]. Não se faz, mas ele veio e sentou na nossa mesa. Sentou eu, Rosie e o indiano, aí aos poucos veio outro, branco, australiano, senta aqui. O que acontece? Eles se apaixonam, Rosie e o australiano, virou um caso. E o Gary ainda aqui em Campinas [risos]. Aí um dia o Gary chega em casa e diz: "Peter, eu tenho uma pergunta muito importante que eu quero te colocar", "o que é, Garry?". "Quanto dinheiro você está ganhando da Fundação Ford?". Eu disse: "Gary, você sabe quanto estamos ganhando porque o projeto nós escrevemos e nós administramos", era uma bolsa de estudos, aquela coisa de umbanda e pentecostalismo.

"- Não, mas você não está ganhando do lado?

- Mas pô, ganhando o que do lado? Não estou entendendo.

- Isso é muito sério, é muito séria essa pergunta, o que você está ganhando da Fundação Ford?

- Nada!

- Mas Gary, o que está acontecendo?

- Não, é que eles estão dizendo na Inglaterra que você está ganhando dinheiro da Fundação Ford para espionar as organizações internacionais de esquerda.

- Ah é?" – Ele evidentemente acreditando, esse é o pior. Eu disse:

" – Mas Gary, que coisa estranha.

- Você lembra o dia que você foi no pub tomar cerveja?".
O indiano era de Zimbábue. Então, o indiano, não sendo brasileiro, como ele vai interpretar esse inglês que não o conhece que vai abordá-lo no bar e vai convidá-lo a ficar na mesa? Só porque ele foi mandado, percebe? E acontece que o australiano era integrante de uma organização de espionagem internacional contra o capitalismo. Ou seja, eu fiz uma brasileirice que foi interpretada a partir das convenções britânicas e a conclusão era essa. Bom, você pode imaginar então como que era tentar conversar com pessoas em Londres envolvidas em uma guerra de independência. Foi quando eu vim para o Brasil, onde ninguém se interessava pela África. Essa é uma coisa importante de dizer, ninguém se interessava! Aí eu chegava, era a única pessoa no Brasil, talvez, que tivesse feito pesquisa na África, ninguém se interessava, eu me sentia inútil. Me senti absolutamente inútil, porque tinha toda essa informação e toda essa experiência que ninguém achava minimamente interessante. Então eu cortei tudo, porque também eu achava que eu tinha que ser maximamente aclimatado aqui e esse processo de afastamento foi geral, foi da Grã-Bretanha, foi da África e tudo. É só quando eu vou trabalhar de novo em Zimbábue, em 1989, dessa vez para a Fundação Ford [risos] – incrível, né?! Dessa vez já empregado dela. E lá vou eu com a ideia de, nos tempos livres, tentar fazer uma história dos anos entre a minha pesquisa e o presente, 20 anos. O que eu fiz? Peguei meu carro, comprei uns cobertores, guloseimas e fui rumo à ultima aldeia que morei. Não pude avisar ninguém, porque não havia telefone nem nada. Cheguei lá e me dirigi... As aldeias eram construídas em linhas, mas isso era coisa dos agrimensores brancos. A ideia era colocar as linhas entre as terras de agricultura, em cima [aponta em um mapa imaginário na mesa] e a pastagem do gado. Minha casa era aqui [aponta novamente] e aqui do lado morava Nestor e a mulher dele, o nome dela eu não me lembro, porque as pessoas não usam os nomes próprios, era "a mãe de fulano", o primeiro filho. Ela me reconheceu, se levantou, dançou, cantou e gritou alguma coisa como "Nestor está vivo". Eu, chorando, fiquei lá, cumprimentei, disse que havia trazido algumas coisas, pedi desculpas pela ausência e ela fazendo charme. Ela me contou que o Nestor, quase no final da guerra de independência, teria sido capturado pelo partido do lugar, acusado de ser do outro, não sei o que, envolto em um saco plástico de fertilizante, enterrado vivo e morto. Aí eu percebi que não poderia escrever essa história, porque era uma história de uma brutalidade tamanha que eu simplesmente não conseguiria enfrentar. E coloriu muito minha compreensão da política, porque a política de independência, assim como todas as independências, é tudo sempre vangloriado como uma grande luta contra o mal. Esse tipo de luta faz com que o mal surja em todos os participantes, todos eles, indistintamente. E por mais justa que seja a causa, nesse caso, dos africanos, que é absolutamente justa, os métodos empregados de aterrorizar as populações... Isso não estou inventando porque tem um livro muito bom sobre Mutoko, que fica acima de onde eu fiz a minha pesquisa, que um historiador etnografa, muito bom esse livro. E de fato é por isso que Mugabe [Robert

Mugabe, da ZANU] ganha a primeira eleição, não é porque ele é popular, é porque ele tinha aterrorizado mais, tenho certeza disso. "Democracia". Então perdi contato e essa é uma coisa muito grave. Eu tentei, por outro lado, achar os outros, em outras aldeias, que conheci, retomei um pouco, mas foi muito difícil. Aprendi mais uma lição: é muito mais fácil você fazer a pesquisa quando você é muito novo do que quando é mais velho. Porque os novos tem uma margem de manobra, uma margem de tolerância, que as pessoas mais velhas não têm. Eu não precisava ser casado com 20 anos. Agora com 70 precisava, né? Coisas do gênio [risos]. Então eu acho que aprendi essa lição, pequena lição. Eu estou talvez me expondo mais do que devia, mas eu acho que essas relações são complicadas mesmo. O tempo passa. Mesmo na época, havia pessoas que me acusavam em público de fazer pesquisa por fins materiais e tinha uma razão, que se não tivesse feito pesquisa, não teria conseguido doutorado, não teria conseguido emprego universitário. Nesse sentido, eles têm toda razão, porque eles continuam na mesma droga, chafurdando sobre tudo, ainda mais agora com a economia implodida de Zimbábue e a AIDS a 50% etc.. Então, foi difícil, é difícil eu acho.

P: Peter, uma coisa que nós estávamos vendo em entrevistas anteriores suas: sobre essa formação antes de chegar no Brasil, em algum momento o senhor menciona que se sentiu um representante do estrutural-funcionalismo isolado. Como foi trazer essa formação para cá, participar dessa tradição aqui?

PF: É difícil dizer... Eu falei isso, foi? [risos] Talvez eu tenha dito isso porque na Unicamp da época... Ovídio Melo, que era o cônsul em Londres, era, não sei se é até hoje, do PCB [Partido Comunista Brasileiro]. Diplomata de um governo militar! Do ponto de vista de um inglês inocente isso era impossível, um oximoro. E a tarefa dele era nos vetar, ou seja, não queremos ninguém de direita aqui. Isso em comparação com a Argentina dá pra pensar, não dá? Realmente, você tem um governo militar com um diplomata tentando evitar pessoas de direita a darem aula na Unicamp. A Unicamp era controlada, porque era afastada da cidade, mas o nosso Instituto era completamente dominado, primeiro pelos economistas e pelo marxismo em geral – desde a sua versão mais *light* até o althusserianismo – todo, completamente dominado. Então se você falava de cultura, evidentemente você era acusado de ciência pequeno-burguesa, suponho que era nesse sentido que falava disso. E o funcionalismo era a palavra mais feia que você poderia ter, por isso Durkheim era nojento e tinha que ser evitado. O que era uma coisa terrível, porque eu acho que, até hoje, os grandes *insights* são dele. E até hoje, desculpe, mas eu sou tão velho, pra mim "As Regras do Método Sociológico", "Suicídio" e "As formas elementares...", esses três livros eram a base da minha conversão para a antropologia. De repente eu percebi que havia uma maneira de ver o mundo de sociedade e não de indivíduos. Então é muito difícil, porque Durkheim era considerado absolutamente tabu,

então foi talvez nesse sentido que eu falava, é, talvez... Logo o funcionalismo, ou seja, interpretar a sociedade em função das funções das coisas, isso logo caiu de moda. E importantíssimo nisso foi o Marshal Sahlins, ele começa a vida também semi-marxista, materialista certamente, não é? E só foi ter essa conversão em Paris, então nós sofremos uma conversão de Paris aqui por causa dos nossos estruturalistas, Antônio [Arantes] e companhia. Eu acho que o que aconteceu é que a função não deixou de existir, mas ela deixou de ser um fator explicativo da vida social, mas tinha que ser levado em conta. Mary Douglas fala isso em algum lugar, ela diz que não é uma questão de dizer que não há funções, claro que há! Mas é uma questão do seu lugar em um sistema epistemológico e explicativo. Em um mundo completamente dominado pela alta teoria estruturalista, eu me sentia absolutamente aquém. Althusser tinha níveis de abstração e era nível até embaixo da terra [risos]. E esse é um problema que eu tenho até hoje, quando as pessoas extrapolam demais eu tenho dificuldade de dizer o que estão dizendo, e mais dificuldade ainda de relacionar o que estão dizendo com qualquer informação que tenho, tenho muita dificuldade. Esses graus de abstração são exagerados, na minha opinião. Então talvez por aí que eu estava querendo fazer porque eu aprendi, por bem ou mal, que a disciplina se constrói sobre a sua capacidade de observar. O Leach sempre dizia, a arte da antropologia é de fazer sentido de um número finito de informações, dados. É isso que você tem, não tem mais. E quando você sai da sua pesquisa de campo, não tem acesso mais, então são esses os dados que você tem, azar. Um historiador pode sempre voltar para seus arquivos. Então ou você volta para pegar mais ou você começa a fazer teorizações sobre o pouco que você tem. Respondi? [risos]

P: Eu queria aproveitar a oportunidade para dialogar sobre esse contexto de chegada ao Brasil para questionar algo que surgiu, uma inquietação que surgiu a partir da leitura de outros depoimentos e entrevistas, Peter. Você menciona que na sua chegada à então Rodésia do Sul, alguns dos textos que te permitiram se situar ali no contexto africano foram os do Clyde Mitchel e o do Max Gluckman, dentre outros vários. Com a sua chegada em Campinas, quais foram os textos que te permitiram se situar no Brasil?

PF: Aqui? Ah! Boa pergunta, boa pergunta. O que eu tinha lido antes? Eu falei de Euclides [da Cunha], não é isso? Mas o que eu não disse é que eu li Euclides por causa de Glauber Rocha. Claro! Porque eu vi, qual? "Antônio das Mortes", eu acho, "Deus e o Diabo..." [na terra do Sol]. Eu vi em Cambridge e fiquei absolutamente... Qual é a palavra? Baqueado, sei lá. Absolutamente impressionado pela estética, sobretudo, que não entendi exatamente o que estava acontecendo [risos]. Vendo agora, menos ainda, né? [mais risos] Glauber tem essa grande vantagem, você vê o que pode, mas enfim... Aí eu me meti a ler a tradução inglesa de "Os Sertões" [de Euclides da Cunha], chama-se "*Rebelion in the Backlands*". Eu fiquei impressionado com esse livro, a primeira parte é muito chata, né?

Mas a parte descrevendo as batalhas é incrível e a parte em que ele argumenta a existência de uma raça específica dos sertanejos é muito interessante. Porque ele está no paradigma racial da época dele, mas reconhece a possibilidade de mudança e de reaparições. A ideia que se produz um tipo humano específico naquele lugar eu achei muito incrível. Uma interpretação estranha, mas enfim... Da época, né. Então eu já tinha lido os textos d'Os Sertões por isso que disse ontem [na abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro] que naquela zona é uma espécie de uber-Brasil. De fato era, porque as ligas camponesas lá em Pernambuco, tudo isso é uma espécie de lugar mítico do Brasil. Antônio [Arantes] estava no centro de tudo isso, Maria Isaura lá em Santa Brígida, Padre Cícero, tudo isso. Era uma espécie de Brasil e eu imaginava tudo isso, por isso Campinas foi uma decepção [risos], não tinha nada disso. Então esse texto foi importante. Por causa da possessão, eu tinha conhecido [Roger] Bastide em Paris, então eu inventei de ler "Os candomblés da Bahia", eu não consegui entender, porque eu não consegui visualizar um guerreiro. Eu não consegui a partir daquela... É uma monografia. Não consegui imaginar como seria um terreiro, porque não é um livro etnográfico de fato. É um livro de princípios, é um livro que não precisa dos dados. Então fiquei perplexo, mas como seria essa coisa? Aí me cai nas mãos o "Cidade das Mulheres", que é exatamente o contrário. Quer dizer que você lê "Cidade das Mulheres" e se sente em um terreiro de candomblé, as pessoas aparecem em carne e osso e você se reconhece. Então o livro da Ruth Landes é mais naquela apreensão etnográfica que eu conhecia, e Bastide naquela tradição francesa muito menos etnográfica de fato. O próprio Lévi-Strauss, duas semanas, não é isso? Quer dizer, não são mestres da observação cuidadosa e da situação, são muito mais em termos de grandes conjuntos de ideias. Então Ruth Landes teve um efeito bravo. Agora, outro problema foi Mr. Freyre, que eu também li em inglês, chama-se "*The Masters and the Slaves*", uma versão reduzida. Eu fiquei absolutamente horrorizado, não pelas razões que vocês podem imaginar, mas parecia livro de imaginação, de invenção. Tem trechos simplesmente escandalosos, o mais escandalosos de todos são os negros que, como tem pouca libido – não é essa a palavra que ele usa, não sei qual ele usa –, precisam ser estimulados muito, por isso que dançam. Mas uma pessoa séria escrevendo isso? É esse o grande monumento da antropologia brasileira? [risos] Fiquei muito assustado. Então... Florestan [Fernandes] aparece como antídoto à essa loucura, mas o Florestan é ligado ao Bastide, mas eu não sabia muito bem na época como era tudo isso, então Florestan foi importante ter lido. E Bastide, no seu outro livro sobre religiões africanas no Brasil, eu só não me lembro do título, ele fala da umbanda... Como chama?

P: "As religiões africanas no Brasil"?

Fotografia de Natália Schimidt

PF: Acho que sim, é. Então esses tiveram grande importância e o Florestan [Fernandes], super importância exatamente como argumentação em contrário à de Gilberto Freyre. Em 1988, 88 não, 1978, 90 anos... A gente organizou um evento aqui em Campinas, eu tenho esses documentos lá em casa. A gente fez nos Centros de Convenções, ou seja, eu já estava aqui há oito anos, e fizemos uma coisa de denúncia do racismo nessa época. Tinha assim fotografias de anúncio de jornal, esse tipo de coisa, era uma iconografia bastante batida, nada muito original. Então esses lugares eram muito importantes e o do Florestan... Acho que já falei isso em vários lugares, mas posso falar de novo, quando você vai a um lugar diferente, evidentemente você está sempre esbarrando com grandes diferenças e isso te obriga a pensar. Talvez antropologia seja isso mesmo, uma experiência de qualquer viajante, com ou sem treinamento antropológico, é isso, né? E o que me chamou muita atenção do início e até hoje é que você tem uma variedade de cores, não é isso? E de fenótipos incrível. Às vezes, quando era menino aqui, eu, no domingo, ficava no Viaduto do Chá simplesmente olhando as pessoas passarem, sentado. Era uma coisa, uma festa de tipos que eu achava incrível. Até hoje, a coisa que eu mais gosto é ver as pessoas comentando, passando. Mas todo mundo fala português e os sotaques variam de região para região, um pouco de classe a classe, mas não muito. Na classe baixa, a gramática sofre algumas modificações, "dez real, nós vai". Mas fora disso, é o mesmo português. E não tive dificuldade nenhuma de ser compreendido, de entender todo o Brasil. Quando você pensa em um país continental desse tamanho, com uma elite portuguesa pequenininha, é incrível. A mesma coisa em Moçambique, *by the way*. E dizem que ninguém fala português, mentira. Qualquer lugar que você chegue, cafundó de Judas, vai ter alguém

que entende. E os portugueses, com o mínimo de contingente humano, conseguiram espalhar uma língua e, de certa maneira, uma cultura. O gosto pelo vinho, batata frita. Estou sendo um pouco artificial demais, mas há uma espécie de espalhar dessa forma de organizar, então isso me espantou aqui. Eu não sabia que Getúlio [Vargas] na época tinha posto em prática uma política, a ferro e fogo, de unificação linguística do Brasil. Não sabia nessa época, pensei que era apenas o processo histórico sem grandes intervenções. Fiquei sabendo bem mais tarde através das pesquisas da Giralda Seyferth. Não sabia, mas me espantava. E o que mais me espantava ainda é que havia diferenças fenotípicas, mas não havia diferenças culturais notáveis. E a minha pesquisa na umbanda simplesmente confirmava. Não eram apenas os negros que cultuavam os orixás, era todo mundo. Bom, quase todo mundo... Aí eu vi que o Brasil era o maior país iorubá do mundo. Então, enquanto na Nigéria [estava] sendo completamente cristianizado, aqui [estava] sendo candoblezado. Todo mundo sabia quem era iemanjá, né? Isso era realmente incrível. E quem me chamou atenção foi a Leila Gonzales. Ela tinha um conceito, chamava-se "pretoguês", que era a influência das amas de leite, das babás e companhia sobre os filhos da classe dominante brasileira. Então você tinha uma situação de catolicização do país de cima e de macumbização de baixo. E isso está claro em Nina Rodrigues. Por isso que eu acho que faço parte da linhagem dele [risos]. É claro! Totalmente claro. O Nina mostra como a elite baiana estava fazendo ebó para ganhar as eleições, não é? De repente, o que mais me chamou atenção é que eu estava em uma sociedade onde essas clivagens às quais eu estava acostumado não existiam e que não havia uma cultura específica negra e uma cultura especifica branca, é muito mais complicado que isso. Mas isso eu tive que descobrir por mim mesmo, porque não havia nada escrito nesse sentido, de fato, nada. Então, você me perguntou o que mais que eu li que me chamou atenção...

P: Edson [Carneiro] também, Peter?

PF: Sim, claro, mas Edson li junto com [José Maurício] Arruti e Edson foi muito importante quanto eu entrei mais na questão... Porque eu tive dificuldade de entender os Estados-nação de candomblé, eu desconfiava que eram mais quimera de imaginação do que qualquer outra coisa. Aí quando o Edson começa a falar sobre eles começa a ficar mais claro para mim. E ele falando, sobretudo, dos terreiros menos autênticos na Bahia, isso me chamou muita atenção, porque eu acho que ele tinha colocado o dedo exatamente no lugar certo. Ele é também um pouco depreciativo dessas senhoras que esticam o cabelo, né, lembra? Ele é depreciativo, mas ele reconhece a dinâmica do que está acontecendo, acho, achei muito interessante isso. Bastide é mais depreciativo, ele odiava qualquer desvio da verdade do candomblé preto, odiava! Mal disfarçava para falar de ciganos, espanhóis. E eu achava que era uma coisa absolutamente original do país, destoava dos mundos que eu conhecera. Aí eu cheguei à conclusão que a antropologia era

anglocêntrica, não etnocêntrica. Agora eu acho cada vez mais essa conclusão. Eu acabei de voltar da Austrália. Menino, a Austrália é a antítese do Brasil, a mais perfeita antítese. Eu escrevi sobre Zimbábue, Moçambique e Brasil... A Austrália, eu tenho muita vontade de escrever sobre a Austrália, inacreditável. É um país colonizado por...?

P: Ingleses.

PF: Mas que ingleses? Quais eram os ingleses? Por ingleses... *Convicted*, como se diz isso?

P: Condenado...

PF: Isso, condenados, contra a sua vontade. Eles constroem a sociedade mais careta do universo até hoje, é impressionante. Nunca estive em um lugar tão ordeiro, dizem que a Suíça é muito ordeira, mas isso é incrível, cara. Tudo perfeito, tudo funciona, não há buraco na estrada, as pessoas não atravessam na rua sem faixa. Sidney fica em uma baía, como o Rio de Janeiro. Uma baía linda, aliás. As pessoas tomando banho no porto sem morrer [risos], quer dizer, a baía de Sidney é limpa, a baía de Guanabara infectada. Mas mais sinistro são os aborígenes ou a situação [deles]. Em primeiro lugar, em Sidney não vi, só vi um tocando um *didgeridoo* ganhando dinheiro pintado. Na galeria de arte, estão lá os desenhos, mas não vi ninguém até chegar em Alice Springs, que fica no centro da Austrália. Peguei um trem e fui lá, Alice Springs fica no meio do deserto e lá, para antropólogo, é incrível. Tem Spencer Hill[6], de [Francis James] Gillen e [Baldwin] Spencer, que eram os primeiro etnógrafos sobre os quais Durkheim escreve em "As formas elementares...", então é uma coisa meio, assim, incrível. Alice Springs é uma cidade que parece faroeste, também organizadíssima. E os aborígenes... Alice Springs tem um rio que passa no meio, só que o rio é seco, só passa água de vez em quando, e representa a periferia da cidade. Eu andei lá e de repente veio um bando de aborígenes andando. Eles andam assim encurvados, não fazem barulho, aparecem e desaparecem, são como fantasmas. Quer dizer, os australianos conseguiram não matar todos, e os que sobreviveram vivem em uma situação de total e absoluta marginalidade em todos os sentidos da palavra. A outra vez que eu vi foi a noite, eu fui levar meu anfitrião para jantar em uma pizzaria. Estava escrito no menu "B.Y.O.", *bring your own*, você tem que trazer o seu próprio álcool, então saí de lá e fui para o lugar que vende cerveja. Lá estavam eles bebendo e pedindo dinheiro para comprar bebida, bebem muito. Então eu pensei: esta é a Rodésia que deu certo, é por isso que os rodesianos brancos vêem para a Austrália – porque quando saíram do Zimbábue ou foram para a África do Sul ou para a Austrália, óbvio! Porque é uma espécie de realização completa do sonho da recriação da

6 Um morro localizado na cidade de Alice Springs nomeado em homenagem ao antropólogo Baldwin Spencer.

Grã-Bretanha: qualquer Outro afastado. Bom, afastados os aborígenes, não os asiáticos. Sidney agora tem uma grande área - mas *again* é uma área - onde estão as pessoas da Indonésia, Singapura, etc. Eu fiquei muito assustado com isso, porque vi que realmente não é o Brasil.

P: E é completamente oposto à Nova Zelândia, imagino... Os valores são completamente...

PF: Claro! A estética é completamente diferente também e a política era diferente na Nova Zelândia, isso é super interessante. E isso vale a pena, aliás, alguém recuperar aqui com essas coisas comparativas. Sem dúvida! E uma das razões não sei. Não conheço suficientemente, vou ler sobre isso, me chamaram a atenção. Eu tenho um amigo neozeolandês que insiste nessa diferença e é verdade. Tanto é que uma das grandes estrelas da ópera europeia é Kiri Te Kanawa, quer dizer, tem uma combinação de entrosamento e diferença, exacerbada às vezes, que aparece nos lugares estranhos. Então o jogo do rúgbi...

P: Loiro de olho azul dançando o *haka*[7].
PF: Sim! Sim, todos! [risos]. Pois é, não é interessante? Isso também com o mesmo reino britânico, quer dizer, tem que tomar muito cuidado. Nova Zelândia não foi colonizada por prisioneiros, não sei se tem alguma coisa a ver. E os Maori eram culturalmente distintos do pessoal da Austrália, militarizados, um pouco centralizados e tal. É... Essas coisas me fascinam e o Brasil me fascinou por essa semelhança, a impossibilidade de saber a cor da pessoa pelo telefone, essa que é a coisa mais significativa. Então é por isso que eu entro em águas turvas, turvas, quando começo a pensar o Brasil como se não fosse assim. Isso me cria problemas terríveis e eu me pergunto "por que você fez isso? Por que você escreveu tal?", já não escrevo mais. Eu acho que uma das razões é essa coisa da tal franqueza, sabia? Uma espécie de imperativo de falar o que pensa, porque senão é uma sensação de desonestidade consigo mesmo. Acho que foi isso que me fez escrever do jeito que escrevi, crítico desse processo que eu achava – e ainda acho – que o trunfo que o Brasil poderia ter – e vai ter com certeza, porque o Brasil é muito maior que as leis – a possibilidade de superar essas questões estéticas. Porque eu acho que é tudo uma questão estética, estética pintada pelo dinheiro, pelo conhecimento. Acho, mas enfim... Se pode imaginar então que foi assim que... Qual foi sua pergunta original?

P: O que você leu, quais foram os autores principais para você...

PF: Bom, e chegou aqui...

7 Dança de guerra maori comumente executada pelos jogadores contemporâneos neozelandeses antes de partidas de rúgbi.

P: Peter, ainda sobre isso, me chama atenção dois autores que são complicados para vários brasileiros e que você recupera, o Nina Rodrigues e o [Gilberto] Freyre, que você leu na Inglaterra, achou absurdo, mas depois parece que você tem um outro diálogo com eles, né? E são autores que para a garganta brasileira são espinhos ainda...

PF: Com certeza, com certeza. Bom, vamos começar com Nina? Nina Rodrigues eu também sabia que era racista, não li [antes de vir para o Brasil]. Quantas pessoas leram? Mas na minha pesquisa sobre umbanda eu li "O animismo fetichista dos negros baianos". Eu fiquei impressionado pela etnografia e aprendi muito. [Com] Nina também dá para entender um pouco como é o candomblé da época, final do século retrasado. Eu cheguei à conclusão que o Nina Rodrigues era um etnógrafo nato, é a coisa do médico que observa bem, né? As observações dele são absolutamente incríveis e as pessoas parecem personagens, que são os pacientes dele muitas vezes. Eu não poderia condenar Nina Rodrigues por pensar como ele pensava, porque todo mundo pensava. Se ele tivesse vivido, ele morreu com 40 e poucos anos, ele teria mudado como mudou Freyre, como mudou Fernando Ortiz [antropólogo e etnomusicólogo especializado na cultura afro-cubana] em Cuba. Fernando Ortiz também estava escrevendo a mesma porcaria do começo do século XX. Todos eles mudaram porque o mundo mudou, o Freyre não é a única pessoa repensando as coisas na década de 1930. Então Nina Rodrigues é isso, não se culpa uma pessoa pelas suas ideias se elas são da época. E, segundo, você avalia a sua capacidade de observação, de escrita, porque aquele documento é de um valor inestimável para você entender mais ou menos como teria sido o candomblé da Bahia, através do olho de um erudito médico, certo? Então é assim que o Nina Rodrigues entra. O Freyre entra por outras razões. Continuo achando o "Casa grande e senzala" abominável nesse mesmo sentido. Ele não fala de democracia racial nesse livro, essa é outra coisa, não sei se as pessoas leem Gilberto Freyre, mas ele tem muita, muita, muita discussão sobre a crueldade do sistema. Inclusive sobre as senhoras de fazendeiro que furavam os olhos das escravas de ciúme etc. e tal. Muito dele é fantasioso, outro nem tanto. Então eu acho que é mal avaliado ele. Mas o que me interessou do Freyre eram outras duas coisas. Um chama-se "A importância da cama e das relações íntimas entre pessoas distintas", isso relacionado ao que ele chamava de um sistema português de colonização, de império, e a sua comparação com os árabes. Isso aparece em "Aventura e Rotina", não apenas em "Casa grande e senzala". Ele percebeu, e eu acho que nisso ele tinha razão, que os portugueses colonizavam de outra maneira comparada com a dos ingleses - detestava os nórdicos, que eram os ingleses, era uma atitude nacionalista... Binacionalista porque ele virou cupincha do Salazar. Então era nesse sentido que eu achava que ele tinha razão: de reconhecer que os portugueses conseguiram conquistar vastas áreas do mundo com poucos recursos. Porque a grande diferença que eu entendo é

que os ingleses, na sociedade política, mantiveram todo mundo que não fossem eles fora – tanto os africanos e aborígenes, quanto a prole deles com as africanas, tudo era afastado. Então o castelo branco era mantido sob a égide da pureza. E o que eles mais detestavam, os ingleses, eram os mulatos, essa que era a categoria mais odiada. Quando eu fui para a África, a minha vó me disse [sussurrando]: "não casa com uma africana!". E a razão não era a africana, eram o filhos, que supostamente não teriam lugar para ficar, por quê? Porque a sociedade dela era dividida racial e culturalmente. Onde ia ficar esse indivíduo que não pertencia a nenhuma das duas culturas? Essa era a lógica [dos ingleses]. Não era a lógica dos portugueses, a lógica deles era "esse filho é meu, vai para Coimbra". Foi o que fizeram, então esse filho nasce, fala português; [é] herdeiro muitas vezes do pai, mesmo não morando junto; vai para Coimbra; produz uma camada, subordinada, é verdade, intermediária – o capitão do mato é o exemplo mais óbvio disso. Como tática de controle territorial é impressionante, porque você tem uma rede cada vez mais extensiva transmitindo a sua visão de mundo, enquanto os ingleses não.

P: Nesse sentido, os casos de Moçambique...

PF: No caso de Moçambique, a mesma coisa. E na África do Sul, meu caro, a coisa é impressionante. Quando eu cheguei, o que mais me chamou atenção foi que a capital do país tinha o castelo branco, a indústria, *african township*, cidadelas africanas e aqui, no meio, *coloureds*, mulatos aqui. Também segregados, com suas próprias escolas, afastados do castelo branco. [É] a mesma coisa na África do Sul. O governo democrático da África do Sul junta *coloureds*, negros e indianos em uma única categoria, *black*, mas ninguém segue essa categorização até hoje. De qualquer maneira, eles tinham razão, porque todos esses grupos eram excluídos *a priori* da sociedade política dos brancos. Então, era isso que eu achava que o Gilberto Freyre tinha percebido. Eu acho até hoje, ninguém acha, menos eu. E as pessoas não querem ver que Moçambique não é Zimbábue, não querem ver porque o modelo de colonização anglo-saxônico é dominante mesmo. Uma das razões que eu andei escrevendo sobre essas coisas é um pouco nacionalista, fui acusado de nacionalista brasileiro. Tentei mostrar o contraponto às pressuposições da própria antropologia. Eram minhas quando eu fui para a África, cara, era minha, inglês. Não achei natural a segregação, mas achei natural a existência de uma cultura africana forte e firme. Ficava abominado em Moçambique ao ver negros entre si falando em português, achei que era reação cultural, achei. Hoje não acho, porque acho que a salvação do Brasil foi o seu monolinguísmo. Essa é uma das razões que facilitou a campanha anti-AIDS aqui no Brasil. Faz-se em Moçambique com 15 idiomas, além de caro é complicado. Além do mais, o Brasil, por mais confuso que seja, há uma crença... As pessoas levam a sério a ciência como levam a sério os espíritos, sem prejuízo um ao outro. Isso é uma baita vantagem, na minha opinião. Então... Por isso eu achei que Gilberto Freyre tinha certa

razão. Eu sempre fui chamado de freyriano, mas isso é maldade dos outros. Eu acho que, num belo dia, eles vão perceber que eles não tinham intenção, um dia eles vão porque a história é longa. Eu não tive razão nenhuma de mudar de opinião depois que escrevi aquelas coisas, nada, nenhuma razão, continuo achando isso e cada vez que viajo mais penso isso. Vou a Londres, por exemplo, [é] completamente segregado. Dizem "Londres é maravilhoso por causa de uma política"... É verdade, né, nos ônibus. Mas em termos residenciais, nem tanto. Não sei se você tem a mesma impressão. Você vai para Peckham, no Sul de Londres, você acha que está em Lagos.

P: Uhum, Hackney [bairro industrial ao norte de Londres], né...

PF: É, Hackney. Quer dizer, produziram uma sociedade muito segregada, muito, muito. O Brasil ainda não. Eu costumo falar essa anedota para as pessoas, mas acho que resume tudo que eu penso disso. Eu fui a um seminário na Universidade Cândido Mendes, no 33º andar, lá em cima daquele prédio maluco de espelhos com uma vista sobre a Baia de Guanabara. Um monte de gente muito sincera falando do Brasil, eu fiquei ouvindo: "porque os negros isso, porque os brancos aquilo, porque a tensão e não sei o que". Eu pensei, "ai meu deus do céu, mas que país é esse que eu não estou reconhecendo o Brasil que eu ando, não estou vendo ele". Aí eu desci e andei pela rua da Assembleia, onde no final do dia as pessoas saem do escritório para pegar o ônibus. Menino, você poderia fazer uma sociografia da coisa simplesmente na base do fenótipo. Pessoas andando, juntas, de todas as cores, alturas e gorduras. Sério, se empilhando nos mesmos ônibus, indo para o mesmo lugar. Ou andando você via uma escola primária. Eu pensava: não é exatamente assim... Mas poderia ser. *Next question*.

P: Peter, o senhor começou a falar ontem [na abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro] sobre a sua participação n'O Lampião [da Esquina, jornal inicialmente voltado para a temática gay criado no final da década de 1970] que foi até uma forma de sair da clausura que era Campinas. Eu queria saber como foi participar desse ativismo que funcionava um pouco na coisa de tirar as pessoas do armário. Eu cheguei a ler uma entrevista sua com o Clodovil e você falava do desenrustimento dele. E eu queria saber como foi essa experiência...

PF: Eu *came out* aqui no Brasil. Eu não tinha "cameoutado" [risos]. É, eu era totalmente enrustido... Aliás, vou te contar uma história muito pessoal já que estamos aqui, está tudo escancarado mesmo [risos]. Dessa vez que estive em Londres agora, eu procurei alguns amigos do meu passado. Eu estou fazendo isso, por isso que fui para a Austrália. Procurei Tim... [Com] Tim eu compartilhei quarto no terceiro ano de faculdade dentro de St. John's e nós tivemos um quarto com duas camas um ano. O Tim estudava música,

procurei ele e fui convidado para jantar na casa dele. Lá vou eu, me apresentou a mulher dele, ficamos lá jantando, aí o Tim me pergunta: "mas Peter, você era gay na época?". Eu disse: "porque você pergunta, Tim?". "Porque você tinha muito mais namoradas do que eu, você mudou?", eu disse: "não, não, era sempre assim". Eu disfarçava tão bem que ele achava que eu era mais heterossexual que ele, incrível, não? Com esse grau de intimidade, ele me mostrou uma foto minha na cama, lendo, aliás, aos meus 19 anos sem camisa. Eu me achei muito bonito naquela época [risos]. De fato, eu "cameoutei" pouco na Inglaterra porque um colega meu em University College, que se chama Robert, que eu visitei agora na Austrália, ele era um homossexual bastante conhecido que vivia com o parceiro dele em uma casa linda, na qual eu fiquei inquilino durante um ano ou mais. Os anos mais felizes de Londres, de fato. E uma das razões que eu vim para Brasil foi que eles foram para a Itália, pensei: "não vou aguentar ficar aqui sozinho". E quando Robert foi para a Itália eu disse: "você vai abrir mão da sua carreira na universidade?", ele: "olha em volta, olha em volta, se você ficar, vai ficar igual esses daí". Então esse foi um impulso a mais para sair. Então o Brasil, sim, foi incrível, além de achar as pessoas muito bonitas – de verdade achei, ainda acho – eu achei que as pessoas tinham uma relação com a sexualidade muito mais tranquila, muito menos tensa, muito menos carregada do que eu tinha experimentado na Inglaterra. Tinham outras coisas também que aparecem nos textos que eu escrevi, mas tinha essa relação mais lúdica, achei, mais despojada. Outra razão pela qual acho que Gilberto Freyre tinha um pouco de razão. É menos preconceituoso. E também as pessoas gostavam de pessoas mais velhas, que era também uma outra vantagem, eu achei. Eu não sou pedófilo [risos]. Então era assim um processo legal, agora, Lampião foi diferente. Eu acho que fui convidado para participar de Lampião por causa daquele artigo que escrevi sobre Belém, sabia? Eu acho que eles precisavam de alguém da academia, porque eles tinham um artista plástico, tinham crítico de cinema, tinham jornalista, tinham João Silvério Trevisan, escritor. Acho que eles precisavam de alguém da área acadêmica, é, talvez, não sei. Não sei como eles sabiam de mim, mas me convidaram em uma reunião na casa do Darcy Penteado, que era o artista da *society* paulistana, uma pessoa maravilhosa. E estava lá o Winston Leyland, que dirigiu uma *press* americana gay e tal, acho que foi um pouco a ideia dele. E estava lá Agnaldo Silva. Eu fiquei maravilhado porque achei que estava sendo reconhecido como merecedor de uma posição em uma coisa dessas, eu fiquei absolutamente encantado. E foi lá também que me fez naturalizar brasileiro, porque nós fomos todos identificados criminalmente, vocês sabem, né? Eu contei essa história em algum lugar? É interessante porque eles foram identificados, eu estive fora do país quando aconteceu e quando voltei, eu tive que ser sozinho identificado na Polícia Federal de São Paulo. E quem me levou foi o Greenhalg, o Luiz Eduardo Greenhalg, que era advogado dos presos políticos. Porque ele achava que nós éramos presos políticos, vocês acreditam nisso? Impressionante. Então fomos lá, nós dois, e cada vez que o delegado mal interpretava as minhas coisas para o escrivão, ele

Fotografia de Natália Schimidt

entrava. Até enfurecer o delegado, o delegado ficou enfurecido e ameaçou mandar ele para fora. E, no final, disseram que eu tinha que ir em outro lugar para ser digitalizado e fotografado, no centro da cidade. Aí me jogaram dentro de um *beetle*, um fusca com chapa não identificada. Aí eu estou entrando no carro e o Luiz Eduardo grita para mim lá de cima: "Peter! Quando você sair, me ligue!", eu já disse: "iiiih". Mas era de propósito para todo mundo ouvir, ele me disse depois que achava seriamente que eu não fosse surgir de novo, porque ele estava tão acostumado. Então era um momento horripilante. Naquele momento eu achei: "vou me tornar brasileiro, porque eu não quero ser expulso, se eu saio daqui, saio por vontade minha. E além do mais, eu estou me identificando com esse lugar, estou dando aula em uma universidade muito importante nesse país, eu acho melhor que eu declare a minha opção", então foi assim. Mas Lampião foi assim... As pessoas mal interpretam. Eu já tinha decidido que não prestava para política de P maiúsculo, não sou bom nisso. Acho que os políticos desse tipo são valiosos e importantíssimos, são pessoas capazes de mentir com cara de pau e eu não tenho essa capacidade, difícil. Por isso mesmo que provavelmente estou na universidade, achando, contra todas as evidencias, que era possível falar o que pensa impunemente, não é verdade, isso é uma idealização que eu tive – ainda tenho. Mas Lampião, pela mesma razão, porque eu acho que a boa imprensa é aquela que tem vários pontos de vista e Lampião tinha. Eu escrevi muito pouco porque era muito tímido – devia ter escrito mais, mas as poucas coisas que eu escrevi eu vejo lá que estava mesmo pensando a mesma coisa. E tudo que eu pensava sobre identidade gay, depois pensei sobre outras identidades, então pelo menos essa consistência eu tenho. Acusaram-me de ser contra a identidade gay, porque

eu estava no armário, não era o caso. Aliás, muito pelo contrário. A grande oposição era eu e Luiz Mott, hoje em dia somos amigos, mas Luiz achava que tinha que colocar brinco em público. Eu achava que eu tinha que estar aqui com outro modelo possível dentro da universidade. Porque todo mundo sabia, era óbvio, não precisava nem topetar, né?! Então eu achava que era outra maneira, que as pessoas poderiam me escolher dentre as várias possibilidades do mundo, ainda acho. E que maior a flexibilidade, melhor. Tanto é que disse para Luiz parar de me criticar, tem várias maneiras de ser, e viva todas! Mas essa questão, por exemplo, da identidade negra, racial, a mesma coisa... Porque eu acho que confina, é totalmente confinador. Da mesma forma que eu não conheço um inglês no Brasil, unzinho. Sério, é incrível, mas eu não conheço, por quê? Porque não encontrei ninguém que eu gostasse. Identidade inglesa eu tenho, tenho mesmo, tem certas coisas que reconheço em mim que não mudam, eu me sinto à vontade lá, é tranquilo. Não é essa que é a questão, mas não vejo essa como base de convivência, não vejo. A mesma coisa gay também. Tem pessoas homossexuais maravilhosas, tem pessoas homossexuais insuportáveis. Então é muito difícil de eu endossar essa ideia de blocos, é sempre complicado demais. Mas "cameoutei" mesmo no Lampião, tanto é que isso era interpretado como ativismo. Isso é outra briga que eu tenho com as pessoas, uma mini-briga. Porque não é exatamente a mesma coisa... Aliás, é sim, é sim, mas é diferente porque não é de propagar uma opinião única, digamos, sobre nada. Imagina produzir um jornal e tentar vender? E essa que era a grande discussão dentro do jornal, o Agnaldo queria que o jornal criasse dinheiro, porque eram todos jornalistas pobres, mas o João Silvério queria que fosse um trato político, existe essa palavra: tracto? Então era essa a coisa, o Agnaldo argumentava que se você quer passar uma ideia, você passa a ideia ganhando dinheiro, porque as pessoas vão comprar o que elas gostam de ler e você não pode obrigar as pessoas a lerem coisas que eles não querem comprar. Eu achei que ele tinha razão, ainda acho que o mercado tem certa importância no mundo e essa foi a ideia dele, por isso ele quis colocar nu frontal. Iiih, os outros ficaram assim... E mais tarde, é ele quem está bilionário, não é? E um dos grandes escritores, eu acho... E coloca nas novelas, foi o primeiro a colocar essas questões de gênero e pessoas do mesmo sexo e tal.

P: Professor, e hoje? Qual postura ou qual relação o senhor acha que o antropólogo tem que ter com o mundo? A gente ouviu muito, na fala de ontem [da abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro], sobre a questão da afinidade com a pesquisa, mas também da questão de um compromisso, de manter a questão de estar como um antropólogo também, como o senhor acha que deve ser essa relação?

PF: Eu não posso responder diretamente a pergunta, porque eu acho que ela implica que há, que eu teria uma verdade... A única verdade eu tenho para mim mesmo, as pessoas fazem o que querem. Mas eu simplesmente não consigo escrever sobre nada que não

me *impinge* [afete], por alguma razão. Não sei quais são... Eu andei pensando muito sobre isso antes de vir pra cá. Lá na Rodésia acabei escrevendo sobre religião e política, impingiu sobre mim... Lá em Zimbábue, que eu era bicha desconhecida, disfarçada e tal, e sofrendo por causa disso – muito, porque eram pessoas muito bonitas em minha volta e eu não conseguia pular em cima deles [risos] –, a minha sensação de exclusão, eu [me] identificava conscientemente com a exclusão dos negros em minha volta. Eu não tenho dúvida que querer escrever sobre a emancipação política dos negros em Zimbábue foi relacionado com isso, não tenho dúvida. Eu ficava lá e as pessoas diziam, "ah, é impossível você conhecer outra cultura", dizem isso hoje em dia, é muito *fashionable* dizer isso, não concordo. Eu acho que entendo muito bem o Brasil, até. Não é perfeito, mas conheço. O grande curandeiro que eu estudei tinha uma imensa casa redonda para fazer os rituais dele e a gente dormia na casa como segmentos de uma laranja, com os pés para dentro e as cabeças na parede. E um dia, depois de um ritual que terminava às quatro da madrugada, eu acordei às seis, sete horas com a luz do sol e acompanhava os pés assim... De repente tinha um pé branco, não era muito branco porque era muito sujo, mas enfim... Era o meu. Então eu me identificava assim, e quando cheguei ao Brasil, comecei a pesquisar a umbanda, nunca fiquei muito motivado e mais tarde desisti por causa da feitiçaria. Eu não consegui entrar nessa discussão direito. Não consegui achar uma maneira sofisticada, teórica, abstrata de ver isso, não consegui, eu não gostava. Mas o sexo era uma coisa que eu achava que poderia falar sim, porque me dizia respeito. E, de novo, eu fiquei fascinado pelas diferenças e semelhanças e fiquei empolgado com a possibilidade de libertação que estava nos ares. E ainda fico pensando nisso, então isso justifica um pouco. E também o prazer de ficar em Belém, estudando com essas pessoas maravilhosas, até hoje conheço... Alguns morreram, mas são pessoas muito divertidas, muito, muito divertidas. E acabei escrevendo sobre a questão racial porque achava que era de importância máxima, sempre achei que era o grande assunto do Brasil, sempre achei. Era fora de moda completamente, a gente escrevia sobre cafundó e tinha gatos pingados: na ANPOCS [Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais], eram cinco pessoas, na ABA [Associação Brasileira de Antropologia], eram seis porque não havia dinheiro. Você joga dinheiro e de repente aparecem, quer dizer, hoje em dia tem mais pessoas discutindo isso do que outra coisa, mas naquela época ninguém se interessava e eu me interessava porque achava – ainda acho – que é o calcanhar de Aquiles do Brasil. Essa defasagem entre uma ideologia de igualdade e uma realidade de desigualdade, isso mal interpretado, não se pensa nisso, mas eu penso isso. Só que eu acho que os caminhos são vários. Bom... Então simpatizo quando as pessoas escrevem sobre coisas que me dizem [respeito]. Mas eu reconheço que todo mundo faz o que quer. Óbvio, é óbvio. Seria a última pessoa a dizer "não, você não pode ser financiado, você não está escrevendo sobre uma coisa relevante", não. Mas por isso mesmo ontem também falei um pouco sobre como se produz coletivamente

ou institucionalmente relevância, importância, interesse, como um grupo de pessoas define aquilo que, né?... Até que ponto os indivíduos sucumbem ou não aos imperativos estabelecidos no meio social. Eu acho interessante isso. Depende muito, não é verdade? Tanto é que tem alguns departamentos que se especializam em alguma coisa, mas agora fica fracionado por causa das tais linhas de pesquisa. Os departamentos cedem um pouco sua autonomia à capacidade dos professores em construírem linhas de pesquisa, o que quer dizer dinheiro para bolsa, para fazer pesquisa. Desculpe, não estou respondendo, porque não sei, as pessoas fazem o que querem. Mas o meu ideal para a antropologia é simples, o que eu gosto da disciplina desde que me converti é a sua iconoclastia. A recusa, *a priori*, de aceitar as verdades estabelecidas. Era isso que me atraía na disciplina no início. Por isso que, por exemplo, alguém tem que urgentemente questionar essa questão do vandalismo hoje em dia, porque há uma espécie de unanimidade de imprensa, até Fernando Henrique [Cardoso], que é uma pessoa inteligente, na última abordagem dele aceita essa classificação. Se Edmund Leach estivesse aqui, ele já estaria enfurecido, "o que é isso?", ele veria a etimologia da palavra... Acho que esse é um exemplo do que uma boa antropologia deveria estar presente. Não sei se está aqui, tem alguém tentando decifrar os *black blocks*, etc. e tal? Alguém tentando decifrar essa movimentação? Porque isso eu acho urgente, urgente. Eu participei daquela passeata de junho [de 2013] no Rio [de Janeiro], eu estava dizendo ontem, uma coisa absolutamente catártica, nunca me senti tão bem. Luiz Eduardo [Soares, antropólogo] estava lá também, estava com três amigos. E não havia faixa, quer dizer que não era organizada por ninguém, não havia faixa profissional, cada qual com seu papel escrito a mão. E todas as queixas eram queixas que eu faço e você fez desde sempre, não há nada novo, desde 1970: serviço de saúde decente, educação decente, menos corrupção e [contra] Feliciano, [na década de 1970] a gente não tinha, mas estava lá ele também. E era uma coisa catártica, era uma coisa incrível, porque era a conversa nossa de todo dia levada às ruas. E a única violenciazinha era contra as bandeiras do PSOL [Partido Socialismo e Liberdade] e do PSTU [Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado]. Tanto é que, no dia seguinte, na minha universidade, fui à reunião de avaliação e acharam que a marcha era uma coisa contra os partidos de esquerda e eles pintaram meio como se eles estivessem sendo atacados pela população brasileira, o que era exatamente o contrário da minha perspectiva. Da minha perspectiva, era a população brasileira contra todos eles, os políticos em geral, foi essa a sensação que eu tive. Aí depois vai mudando, vai fracionando, há vários sequestros das ideias, as pessoas tentando se manobrar. Isso é fascinante, eu acho que a antropologia tem mais a entrar com a sua velha tática de ficar lá conversando, descobrindo. Abre o jornal e diz "há várias razões para as pessoas se aderirem aos *black blocks*", mas não diz quais são, não diz nada sobre a biografia das pessoas, não sabemos exatamente quem são. Há uma ideia de que são pessoas exatamente como nós, dizem, não sei. Eu acho que isso é uma coisa legal que a gente poderia fazer, a gente, a antropologia poderia opinar como sempre opinava.

Na década de 1970, Verena [Stolcke] escreveu sobre o quebra-quebra aqui em São Paulo. Era mais fácil porque era um grupo localizado, facilmente definível, com pauta clara. Não era difícil de aplicar uma teoria E. P. thompsoniana àquilo, não era difícil. Agora, essa? Muito mais complicado, muito mais interessante, eu acho. Muito incrível, pensa bem.... Isso foi junho [de 2013], até hoje o Brasil está se protestando constantemente, não passa um dia, principalmente no Rio [de Janeiro]. É uma coisa impressionante, não entendo direito, não entendi ainda, nem o impacto sobre nada.

P: Peter, uma pergunta encomendada. Sobre aquela aula que você deitou na mesa. A Heloisa [Pontes] a encomendou ontem [na conferência de abertura das Jornadas de Antropologia John Monteiro]. Como foi? [risos]

PF: Da deitação sobre a mesa, eu vou te contar a história que eu lembro. Eu fui convidado para dar uma aula de metodologia no Rio Grande do Sul, quem me convidou foi Ruben Oliven, e eu fui. Eu tinha organizado várias leituras. Uma das leituras era sobre etnometodologia, não sei se vocês encontraram, é o famoso [Harold] Garfinkel. Uma das leituras era essa. Vocês vão lembrar que uma coisa que o Garfinkel fez foi pedir aos alunos para quebrarem uma regra básica dentro de casa. Um deles teve que fingir que era visita na casa da mãe, não era isso? Quase que leva à suicídio, assassinato... Pedindo autorização para tomar água da geladeira. Eu pensei: "ah, vou botar Garfinkel logo no início e como trabalho de curso vou pedir uma autoetnografia do curso. Mas eu vou quebrar uma regra básica nesse curso para eles poderem... Qual é a regra básica? Básica é que os alunos podem dormir, mas o professor não pode. Essa é a regra básica, então eu vou quebrar essa regra". Então um belo dia eu cheguei lá com um gibi, botei algumas cadeiras juntas, tirei as lentes de contato, coloquei [de lado], tal, deitei, peguei o gibi e dormi, só que não dormi. E eles, bom... Eles não sabiam o que fazer [risos], mas ficaram sussurrando: "vai, dá um beijo nele!", uma coisa assim. Aí outro: "acordamos ou não acordamos [ele]? Se acordarmos, ele vai ficar com raiva, deve estar muito cansado. Não, mas se a gente não acordar, vão fechar o prédio, ele vai ficar preso aqui dentro... É, então melhor acordar". E então resolveram me acordar, mas eles não sacaram e nos trabalhos finais não aparecia nada, eles não perceberam. Ou seja, meu plano gorou. Não perceberam que podiam ter deduzido disso muita coisa da autoridade do professor. Eu fiquei impressionado tamanha autoridade que o professor deita e dorme na frente e ninguém acha estranho. Acha estranho, mas condenável não, né? "Não, coitado, deve estar cansado".

P: Isso foi quando?

PF: Isso foi na década de 1970, não sei exatamente quando. Mas era um bom curso, porque tinha essa coisa de situação social e tinha essa coisa de Garfinkel, tinha várias

coisas, as coisas que a Bela [Feldman-Bianco] andou traduzindo...

P: Eu já achava que era uma coisa boasiana, mas tudo bem...

PF: Não, não era. Agora eu não lembro se fiz isso aqui, devo ter feito...

P: Deve ter feito, porque a Heloisa [Pontes] e a Bibia [Maria Filomena Gregori] lembram.
PF: É, devo ter tentado fazer a mesma coisa, mas é que não lembro. Talvez tentando ser mais bem sucedido uma segunda vez, mas não lembro. Pode dizer para elas que não lembro mesmo, mas tenho a memória fraca.

P: Bom, acho que é isso, né? Agradecemos, mais uma vez...